


A INFLUÊNCIA DA SUBORDINAÇÃO RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PESSOAL

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-166>

Data de submissão: 13/01/2025

Data de publicação: 13/02/2025

Marcus Vinícius Lopes

Mestrando em Sociologia Política

Universidade Vila Velha (UVV)

E-mail: marcusjummittab@gmail.com

Rose Alves de Oliveira

Mestranda em Sociologia Política

Universidade Vila Velha (UVV)

E-mail: rose.oliveira@uvvnet.com.br

RESUMO

Este estudo analisa a influência da subordinação religiosa, especialmente em contextos neopentecostais e pentecostais, na formação da identidade pessoal e na autonomia dos fiéis. Utilizando uma abordagem interdisciplinar que combina perspectivas psicológicas, sociológicas e culturais, são examinadas as dinâmicas de poder entre líderes religiosos e seguidores, os mecanismos de controle social e os impactos emocionais e comportamentais dessa relação. A pesquisa identifica benefícios, como suporte emocional e senso de pertencimento, e desafios, como a perda de autonomia individual e a perpetuação de desigualdades sociais.

Palavras-chave: Liderança Religiosa. Subordinação Religiosa. Autonomia Pessoal. Capital Social.

1 INTRODUÇÃO

A subordinação à liderança religiosa, especialmente em igrejas neopentecostais e pentecostais, é um fenômeno que tem ganhado crescente atenção acadêmica e social. Em uma sociedade onde a religião desempenha um papel central na vida das pessoas, investigar como os fiéis abdicam de sua autonomia em favor da orientação de líderes religiosos é crucial para entender as dinâmicas de poder envolvidas. Este estudo busca analisar a influência da subordinação religiosa na formação da identidade pessoal e na autonomia dos fiéis, utilizando uma abordagem interdisciplinar que combina perspectivas psicológicas, sociológicas e culturais.

A religião, enquanto instituição social, tem o poder de moldar não apenas as crenças individuais, mas também as práticas cotidianas e as relações sociais. Em contextos neopentecostais e pentecostais, a liderança religiosa frequentemente exerce um controle significativo sobre as decisões pessoais dos fiéis, desde questões íntimas, como relacionamentos e finanças, até escolhas profissionais e políticas. Essa dinâmica de poder é marcada por um forte componente emocional, onde líderes carismáticos criam laços afetivos que reforçam a lealdade dos seguidores. Essa relação pode ser entendida à luz das teorias de Giddens (2002) sobre a busca por segurança emocional em um mundo incerto, e das reflexões de Freud (1974) sobre a religião como mecanismo de enfrentamento de ansiedades existenciais.

A subordinação religiosa não é um fenômeno novo, mas sua manifestação em igrejas neopentecostais e pentecostais tem características específicas que merecem atenção. Essas denominações frequentemente operam em estruturas hierárquicas bem definidas, onde líderes religiosos atuam como figuras de autoridade incontestáveis. A legitimidade desses líderes é frequentemente construída por meio de discursos que enfatizam sua conexão com o divino, reforçando a ideia de que suas orientações são divinamente inspiradas. Essa dinâmica de poder pode levar à perda de autonomia individual, à medida que os fiéis passam a depender cada vez mais das orientações de seus líderes para tomar decisões importantes em suas vidas.

No entanto, a subordinação religiosa não é um fenômeno unidimensional. Ela pode oferecer benefícios significativos, como suporte emocional, senso de pertencimento e uma estrutura moral que ajuda os fiéis a navegar por dilemas éticos e desafios da vida cotidiana. Para muitos, a religião é uma fonte de conforto e segurança em um mundo cada vez mais complexo e incerto. A comunidade religiosa pode proporcionar um espaço de acolhimento, onde os indivíduos encontram apoio emocional e espiritual em momentos de dificuldade. Além disso, a religião pode desempenhar um papel importante na formação da identidade pessoal, oferecendo um conjunto de valores e normas que ajudam os indivíduos a se situarem no mundo.

Por outro lado, a subordinação religiosa também apresenta desafios significativos. A dependência excessiva dos fiéis em relação aos líderes religiosos pode minar sua autoeficácia, reduzindo a confiança na capacidade de tomar decisões autônomas. Bandura (1997) argumenta que a autoeficácia é um componente crucial para o desenvolvimento pessoal, e sua ausência pode levar a uma sensação de impotência e desamparo. Além disso, a subordinação religiosa pode perpetuar desigualdades sociais, à medida que líderes religiosos utilizam sua autoridade para reforçar estruturas de poder existentes. Bourdieu (2007) destaca como a religião pode ser utilizada como uma ferramenta de dominação, promovendo a "domesticação dos dominados" e desestimulando a crítica e a reflexão autônoma.

Este trabalho propõe uma análise multidisciplinar que combina abordagens psicológicas, sociológicas e culturais para explorar como a subordinação religiosa molda identidades pessoais e coletivas. Conceitos como capital social (Bourdieu, 2007), autoeficácia (Bandura, 1997) e mediação cultural (Vygotsky, 2007) são utilizados para entender os mecanismos de controle social e os impactos emocionais e comportamentais dessa relação. A pesquisa discute como a liderança religiosa pode ser tanto uma fonte de suporte emocional quanto um elemento que reforça desigualdades e limita a autonomia individual. Também examina o papel da cultura religiosa na internalização de valores e normas, e como o pluralismo religioso contemporâneo afeta as relações entre líderes e seguidores.

Além disso, a pesquisa também examina o papel da cultura religiosa na formação da identidade coletiva. Em igrejas neopentecostais e pentecostais, a participação em rituais religiosos e o compartilhamento de práticas comunitárias criam um senso de pertencimento que transcende as experiências individuais. Vygotsky (2007) destaca o papel crucial da interação social na formação do pensamento e na construção das identidades. No contexto religioso, essa interação ocorre por meio de cultos, práticas rituais e discursos comunitários que fortalecem os laços entre os fiéis e consolidam uma visão comum de mundo.

Contudo, a influência da cultura religiosa também apresenta desafios. Em contextos de pluralismo religioso, onde diferentes tradições competem por fiéis, surgem tensões que podem fragmentar a autoridade pastoral e intensificar a polarização social. Além disso, a instrumentalização da religião para fins políticos pode reforçar desigualdades e perpetuar conflitos culturais, como destaca Moraes (2012). Essas dinâmicas ressaltam a necessidade de um diálogo inter-religioso que promova o respeito mútuo e a tolerância entre diferentes crenças.

Por meio dessa reflexão, espera-se contribuir para um entendimento mais amplo dos efeitos da subordinação religiosa na formação da identidade e no comportamento humano, promovendo um debate crítico sobre o papel das religiões na sociedade contemporânea. A subordinação religiosa não

deve ser entendida de maneira simplista como um fenômeno exclusivamente positivo ou negativo. Trata-se de uma relação complexa e multifacetada, que pode tanto fortalecer laços comunitários e oferecer suporte emocional quanto limitar a autonomia individual e restringir o pensamento crítico.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 SUBORDINAÇÃO RELIGIOSA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

A subordinação religiosa refere-se à influência e controle exercidos por líderes religiosos sobre seus seguidores, especialmente em igrejas neopentecostais e pentecostais. Essa dinâmica de poder envolve a entrega de autonomia pessoal em troca de segurança emocional, orientação e pertencimento social.

Em igrejas com estruturas hierárquicas bem definidas, líderes religiosos atuam como figuras carismáticas e de autoridade, utilizando discursos que legitimam sua posição e reforçam a submissão dos seguidores. Essa relação influencia decisões pessoais, como relacionamentos, finanças e escolhas profissionais, demonstrando como a religião molda comportamentos cotidianos.

A subordinação religiosa pode ser analisada sob diferentes perspectivas teóricas. Freud (1974) argumenta que a religião atua como um mecanismo de defesa contra as incertezas da vida, oferecendo estrutura e pertencimento. Bandura (1997) sugere que a dependência excessiva dos fiéis em relação aos líderes pode minar sua autoeficácia, reduzindo a confiança na capacidade de tomar decisões. Bourdieu (2007) destaca como a religião reforça estruturas sociais existentes, promovendo a "domesticação dos dominados" e desestimulando a crítica.

Além disso, a subordinação religiosa é permeada por fatores culturais. Práticas religiosas frequentemente incorporam elementos culturais locais, criando uma identidade coletiva que reforça a autoridade dos líderes e a conformidade às normas comunitárias. No entanto, o pluralismo religioso contemporâneo desafia essa dinâmica, promovendo competição entre denominações e fragmentando a autoridade tradicional.

Embora a subordinação religiosa possa oferecer benefícios, como suporte emocional e senso de pertencimento, também apresenta riscos, como a perda de autonomia individual e a perpetuação de desigualdades sociais. Portanto, é essencial adotar uma abordagem crítica e multidisciplinar para entender suas implicações.

2.2 IDENTIDADE PESSOAL E RELIGIÃO

A identidade pessoal é um constructo dinâmico formado por influências sociais, culturais e psicológicas. A religião frequentemente ocupa um papel central nesse processo, servindo como base

fundamental da autoidentificação. Segundo Marques (2023), a identidade pessoal é construída em um contexto pluralista, onde a religião pode se tornar um fator preponderante na atribuição de sentido.

A subordinação à liderança religiosa pode levar à internalização de normas e valores que prevalecem sobre outras identidades do indivíduo. Doutrinas religiosas frequentemente exigem conformidade, criando um ambiente onde a identidade religiosa se torna dominante. Isso pode resultar em conflitos internos quando as crenças religiosas entram em desacordo com outras facetas da identidade, como orientação sexual, opiniões políticas ou aspirações pessoais (Dresch, 2023).

Freud (1974) argumenta que a internalização de normas religiosas pode oferecer segurança, mas também levar a conflitos internos quando as expectativas religiosas entram em desacordo com outros aspectos da vida. A subordinação religiosa molda não apenas a identidade individual, mas também a identidade coletiva dos fiéis. Através de discursos persuasivos e práticas rituais, líderes religiosos reforçam o senso de pertencimento à comunidade.

Segundo Vygotsky (2007), o aprendizado e a formação do pensamento ocorrem em interação com o ambiente social. A religião desempenha um papel educativo, ajudando os indivíduos a internalizarem valores e comportamentos alinhados às doutrinas religiosas. No entanto, essa conformidade pode gerar alienação emocional e crises de identidade, especialmente em contextos onde a liderança exerce controle excessivo.

Ainda assim, a influência da religião na identidade pessoal apresenta aspectos positivos. Muitos encontram na comunidade religiosa suporte emocional, sentido de propósito e conexão social. A prática religiosa também pode proporcionar uma estrutura moral sólida, ajudando os fiéis a navegarem por dilemas éticos e desafios da vida cotidiana.

3 ASPECTOS SOCIOLÓGICOS DA SUBORDINAÇÃO RELIGIOSA

3.1 DINÂMICAS DE PODER E CONTROLE SOCIAL

As dinâmicas de poder e controle social no contexto religioso revelam um fenômeno complexo, onde a liderança atua como mediadora de valores e normas que moldam o comportamento dos fiéis. Essas relações de poder se manifestam por meio de discursos legitimadores, práticas rituais e mecanismos de controle que reforçam a submissão e a conformidade.

A subordinação à liderança religiosa frequentemente se justifica por interpretações das escrituras que legitimam a autoridade dos líderes, criando um ambiente em que os seguidores se sentem compelidos a seguir orientações em diversas esferas da vida.

Freud (1974) argumenta que a religião funciona como uma ilusão que oferece consolo diante das incertezas da vida, mas também pode ser utilizada para reforçar estruturas de dominação. A entrega

da autonomia pessoal em favor da orientação dos líderes pode ser vista como uma forma de lidar com ansiedades existenciais, mas também como uma abdicação do poder de decisão individual.

Outro aspecto relevante é o uso do medo como instrumento de controle social. Líderes frequentemente utilizam narrativas que enfatizam consequências espirituais ou sociais para aqueles que desafiam a autoridade ou os ensinamentos da comunidade. Esse controle emocional é reforçado pela internalização de valores que privilegiam a obediência e a conformidade, restringindo o espaço para críticas ou reflexões autônomas.

Além disso, o contexto cultural desempenha um papel crucial na perpetuação dessas dinâmicas de poder. As práticas religiosas frequentemente incorporam elementos culturais locais, criando uma identidade coletiva que reforça a autoridade dos líderes e a adesão às normas comunitárias. No entanto, em um cenário de pluralismo religioso, as lideranças enfrentam o desafio de adaptar-se para manter sua relevância, o que pode resultar em disputas por influência e na fragmentação da autoridade tradicional.

Embora essas dinâmicas de controle possam oferecer senso de pertencimento e estrutura moral, também apresentam riscos significativos. A perda da autonomia individual, a perpetuação de desigualdades sociais e a estagnação do desenvolvimento pessoal são algumas das consequências negativas associadas ao excesso de controle. Assim, é essencial adotar uma perspectiva crítica que considere não apenas os benefícios proporcionados pela estrutura comunitária, mas também os impactos negativos para os indivíduos e as sociedades em que essas práticas estão inseridas.

3.2 O PODER DO CAPITAL SOCIAL NAS RELAÇÕES RELIGIOSAS

O capital social, compreendido como o conjunto de relações interpessoais e redes sociais que influenciam comportamentos e decisões (Bourdieu, 2007), é uma ferramenta poderosa na formação e manutenção das relações religiosas. Em contextos de igrejas neopentecostais e pentecostais, a confiança e a interação entre os fiéis e seus líderes religiosos desempenham papéis cruciais na consolidação da autoridade pastoral e na subordinação dos seguidores.

A liderança religiosa, frequentemente exercida por figuras carismáticas, utiliza o capital social para fortalecer laços de confiança e lealdade. Esse processo é evidenciado pela dependência dos fiéis em relação aos conselhos e orientações de seus líderes, que moldam escolhas pessoais e coletivas. Essa dinâmica é mais do que uma simples relação de poder: trata-se de um fenômeno em que a confiança e a reciprocidade presentes nas comunidades religiosas criam uma rede de suporte emocional e espiritual que reforça a obediência às normas e valores estabelecidos.

Além disso, o capital social no contexto religioso também atua como um mediador das práticas culturais. As interações sociais nas igrejas oferecem aos fiéis um senso de pertencimento e identidade coletiva, aspectos fundamentais para a internalização de crenças e práticas religiosas. Nesse sentido, a influência dos líderes transcende o âmbito espiritual, atingindo decisões práticas da vida cotidiana, como finanças, relacionamentos e até escolhas profissionais.

No entanto, essa influência do capital social também apresenta desafios. Quando usado de maneira a reforçar a dependência ou a inibição da autonomia pessoal, o capital social pode limitar a capacidade dos indivíduos de tomar decisões independentes. Isso é especialmente problemático em contextos onde as doutrinas religiosas são apresentadas como verdades absolutas, deixando pouco espaço para questionamentos ou reflexões críticas.

3.3 COMPETIÇÃO E PLURALISMO RELIGIOSO

A competição e o pluralismo religioso são fenômenos marcantes no cenário contemporâneo, particularmente no contexto das igrejas neopentecostais e pentecostais. A diversidade de crenças e práticas religiosas cria um ambiente onde diferentes denominações disputam a atenção e a adesão dos fiéis. Essa dinâmica tem implicações profundas para as lideranças religiosas, as comunidades de fé e o comportamento individual dos seguidores.

A competição entre denominações religiosas reflete-se na busca constante por relevância e crescimento. Líderes religiosos frequentemente adaptam suas mensagens, estratégias e práticas para atender às expectativas dos fiéis, que possuem cada vez mais opções espirituais. Essa adaptação pode incluir a incorporação de elementos culturais locais, mudanças litúrgicas e até mesmo um discurso mais alinhado com questões sociais e políticas contemporâneas. Como aponta Peterlevitz (2019), essa dinâmica conduz a uma fragmentação da autoridade religiosa tradicional, onde a competição por fiéis enfraquece o controle unificado das lideranças e fomenta um ambiente de inovação doutrinária. A busca por poder político por parte dos líderes religiosos, como observado por Oliveira e Moreira (2023), também destaca como esses líderes utilizam sua influência para moldar comportamentos sociais e políticos, muitas vezes em detrimento das necessidades reais das comunidades que representam.

O pluralismo religioso, por sua vez, promove uma diversidade que desafia as estruturas de poder dentro das comunidades de fé. Em contextos onde múltiplas tradições convivem, os fiéis podem comparar e avaliar diferentes abordagens religiosas, levando a uma maior mobilidade espiritual. Esse fenômeno, embora positivo em termos de liberdade de escolha, também pode criar tensões internas

nas comunidades religiosas. Os líderes se veem pressionados a manter a lealdade dos membros, muitas vezes recorrendo a discursos que reforçam sua autoridade e a unicidade de sua visão espiritual.

No entanto, a competição religiosa também apresenta desafios significativos. A instrumentalização da religião para fins políticos, por exemplo, é uma prática cada vez mais comum. Como observa Moraes (2012), líderes religiosos podem utilizar sua influência para moldar comportamentos sociais e políticos, muitas vezes em detrimento das reais necessidades das comunidades que representam. Esse uso estratégico do poder religioso pode levar à polarização social, onde diferentes grupos religiosos competem não apenas por fiéis, mas também por espaço e influência na esfera pública.

Apesar desses desafios, o pluralismo religioso também oferece oportunidades para o diálogo inter-religioso e para a construção de pontes entre diferentes tradições. A convivência entre crenças diversas pode fomentar uma cultura de tolerância e respeito mútuo, desafiando as tendências exclusivistas e promovendo uma sociedade mais inclusiva.

4 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA SUBORDINAÇÃO RELIGIOSA

4.1 MECANISMOS PSICOLÓGICOS SUBJACENTES

A subordinação religiosa, está profundamente enraizada em diversos mecanismos psicológicos que moldam a forma como os indivíduos percebem a si mesmos, suas decisões e suas relações sociais. Esses processos revelam como a fé, a liderança religiosa e a dinâmica comunitária interagem para influenciar os comportamentos e as escolhas dos fiéis.

Um dos principais mecanismos psicológicos que sustentam a subordinação religiosa é a identificação. Nesse processo, os fiéis se reconhecem como parte integrante da comunidade religiosa, adotando crenças e valores como elementos centrais de sua identidade pessoal. Freud (1974) descreve esse fenômeno como uma forma de lidar com ansiedades existenciais, oferecendo aos indivíduos uma sensação de segurança e estabilidade em um mundo incerto. Essa identificação frequentemente se estende à figura do líder religioso, visto como um mediador divino que detém a autoridade moral e espiritual.

Outro mecanismo relevante é a internalização das normas e valores religiosos. Quando os indivíduos aceitam as doutrinas de suas comunidades de fé como verdades absolutas, essas crenças são incorporadas em sua estrutura cognitiva e emocional. Essa internalização é reforçada por práticas rituais e discursos que legitimam a autoridade dos líderes, criando um ciclo de reafirmação de valores dentro do grupo. Amatuzzi (2000) destaca que esse processo, embora natural em contextos comunitários, pode levar à conformidade cega e à alienação da autonomia pessoal.

O medo também desempenha um papel significativo nos mecanismos psicológicos subjacentes à subordinação religiosa. Discursos que enfatizam punições espirituais ou ostracismo social para aqueles que desafiam a liderança são comumente utilizados para reforçar a obediência. Esse medo não apenas molda o comportamento individual, mas também fortalece o controle social exercido pelas lideranças religiosas. Em muitas comunidades, o medo de consequências espirituais funciona como uma barreira à dissidência, promovendo uma lealdade que nem sempre reflete a verdadeira convicção do fiel.

A teoria da autoeficácia, proposta por Bandura (1997), também oferece *insights* sobre os efeitos psicológicos da subordinação religiosa. A dependência excessiva das orientações dos líderes espirituais pode minar a crença dos indivíduos em suas próprias capacidades, comprometendo sua habilidade de tomar decisões autônomas. Quando a validação de suas escolhas depende exclusivamente da aprovação da liderança, os fiéis podem experimentar uma redução significativa em sua autoconfiança e em sua percepção de independência.

Por outro lado, os mecanismos psicológicos envolvidos na subordinação religiosa não são inteiramente negativos. Muitos fiéis encontram conforto, segurança e um senso de propósito na orientação oferecida por suas comunidades religiosas. A interação social nesses espaços frequentemente proporciona apoio emocional e validação, elementos cruciais para o bem-estar psicológico. Contudo, é essencial equilibrar esse apoio com a promoção da autonomia e da capacidade de tomada de decisão individual.

4.2 IMPACTOS EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS

A subordinação religiosa, exerce uma influência significativa sobre as emoções e os comportamentos dos fiéis. Essa dinâmica reflete tanto os benefícios emocionais proporcionados pela adesão à comunidade religiosa quanto os desafios relacionados à dependência de liderança e à conformidade com normas grupais.

No campo emocional, a subordinação pode oferecer conforto e segurança. Os fiéis frequentemente encontram em suas comunidades um espaço de acolhimento, onde o apoio emocional é compartilhado em momentos de dificuldade. Como argumenta Freud (1974), a religião funciona como um mecanismo de defesa contra as ansiedades existenciais, proporcionando uma sensação de proteção diante das incertezas da vida. O pertencimento a uma comunidade religiosa oferece aos indivíduos um senso de propósito, ajudando-os a lidar com desafios pessoais, como perdas, crises financeiras ou questões de saúde.

Por outro lado, a dependência emocional da liderança religiosa pode levar a efeitos negativos, como a alienação pessoal. Quando as normas religiosas e os conselhos dos líderes são internalizados como verdades absolutas, o indivíduo pode suprimir suas próprias necessidades e desejos para se alinhar às expectativas da comunidade. Essa alienação pode gerar sentimento de frustração e desconexão, especialmente em situações onde os valores pessoais entram em conflito com as doutrinas religiosas.

Do ponto de vista comportamental, a subordinação religiosa impacta diretamente as escolhas pessoais. Muitas decisões, como relacionamentos, carreira e finanças, são tomadas com base nas orientações dos líderes religiosos, frequentemente em detrimento das preferências individuais. Esse fenômeno é particularmente evidente em comunidades neopentecostais, onde a ideia de obediência e sacrifício é promovida como virtude. Embora essa conformidade possa fortalecer a coesão grupal, ela também pode restringir a autonomia e a autoeficácia dos indivíduos, conforme destaca Bandura (1997).

Além disso, a pressão para atender às expectativas da comunidade religiosa pode resultar em estresse psicológico significativo. A ansiedade associada ao cumprimento de normas rígidas ou à busca por aprovação da liderança pode levar a problemas de saúde mental, como depressão e baixa autoestima. Em contrapartida, a convivência em um ambiente de apoio pode oferecer resiliência emocional e favorecer a superação de adversidades, desde que as relações interpessoais sejam saudáveis e não excessivamente controladoras.

Os impactos emocionais e comportamentais da subordinação religiosa destacam a complexidade das relações entre os indivíduos e suas comunidades de fé. Embora a religião possa oferecer suporte psicológico e uma rede social sólida, também pode criar desafios que limitam a autonomia e o desenvolvimento pessoal.

5 ASPECTOS CULTURAIS DA SUBORDINAÇÃO RELIGIOSA

5.1 A INFLUÊNCIA CULTURAL DA RELIGIÃO

A religião desempenha um papel central na formação e perpetuação das culturas, influenciando valores, normas e comportamentos que moldam tanto as identidades individuais quanto coletivas. No contexto das igrejas neopentecostais e pentecostais, essa influência cultural é particularmente evidente, pois suas práticas e discursos não apenas refletem as crenças espirituais de seus membros, mas também operam como ferramentas de socialização e controle social.

As igrejas neopentecostais e pentecostais frequentemente incorporam elementos culturais locais em suas liturgias, o que contribui para a criação de uma identidade religiosa que ressoa com as

experiências cotidianas dos fiéis. Essa adaptação cultural permite que essas igrejas ampliem sua relevância social, estabelecendo uma forte conexão entre a fé e a vida prática.

A linguagem e o discurso religioso são instrumentos fundamentais nessa influência cultural. Líderes religiosos utilizam narrativas e símbolos que legitimam sua autoridade e reforçam a obediência dos fiéis. Como aponta Pinheiro e Tonini (1992), o discurso religioso frequentemente apela para aspectos emocionais, como o medo de punições espirituais ou o desejo de salvação, para consolidar a lealdade dos adeptos. Essa estratégia cria uma atmosfera em que os valores religiosos se tornam inseparáveis das normas culturais, fortalecendo a conformidade às expectativas da comunidade.

Além disso, a religião desempenha um papel crucial na construção de identidades coletivas. A participação em rituais religiosos, o compartilhamento de práticas comunitárias e a adesão a normas grupais criam um senso de pertencimento que transcende as experiências individuais. Segundo Vygotsky (2007), o aprendizado e a internalização de valores ocorrem em grande parte por meio da interação social, e, no contexto religioso, essa dinâmica molda tanto as decisões pessoais quanto as práticas culturais coletivas.

No entanto, a influência cultural da religião também apresenta desafios. Em contextos de pluralismo religioso, onde diferentes tradições competem por fiéis, surgem tensões que podem fragmentar a autoridade pastoral e intensificar a polarização social. Além disso, a instrumentalização da religião para fins políticos pode reforçar desigualdades e perpetuar conflitos culturais, como destaca Moraes (2012). Essas dinâmicas ressaltam a necessidade de um diálogo inter-religioso que promova o respeito mútuo e a tolerância entre diferentes crenças.

A influência cultural da religião é uma força poderosa que molda tanto as estruturas sociais quanto as experiências individuais. No contexto das igrejas neopentecostais e pentecostais, essa influência manifesta-se por meio de práticas litúrgicas adaptadas, discursos persuasivos e a criação de identidades coletivas. Apesar de seus benefícios, essa dinâmica também traz desafios que exigem uma análise crítica para garantir que a expressão religiosa contribua para o bem-estar individual e coletivo em um mundo culturalmente diverso.

5.2 SUBORDINAÇÃO E IDENTIDADE COLETIVA

A subordinação religiosa está profundamente ligada à construção da identidade coletiva dos fiéis, especialmente no contexto das igrejas neopentecostais e pentecostais. Nessas comunidades, os valores, normas e práticas religiosas não apenas moldam o comportamento individual, mas também

criam uma identidade compartilhada que reforça o senso de pertencimento e unidade entre os membros.

A identidade coletiva é formada a partir da internalização das crenças e dos valores da comunidade religiosa. Nesse processo, os indivíduos passam a adotar como suas as normas e diretrizes transmitidas pela liderança religiosa. Vygotsky (2007) destaca o papel crucial da interação social na formação do pensamento e na construção das identidades. No ambiente das igrejas, essa interação ocorre por meio de cultos, práticas rituais e discursos comunitários que fortalecem os laços entre os fiéis e consolidam uma visão comum de mundo.

A subordinação à liderança religiosa não ocorre apenas por um desejo de conformidade, mas também como parte de um processo identitário em que os valores da comunidade são internalizados pelos indivíduos (Taylor, 1997). Ao seguirem as orientações de seus líderes, os fiéis demonstram lealdade e conformidade às expectativas do grupo, o que reforça os valores coletivos. Esse processo, como aponta Bandura (1997), pode comprometer a autoeficácia dos indivíduos, à medida que suas decisões pessoais passam a ser subordinadas às diretrizes da liderança. Entretanto, também oferece segurança emocional e uma sensação de pertencimento, elementos essenciais para a coesão social.

A relação entre subordinação e identidade coletiva também se manifesta na forma como os fiéis percebem e respondem a influências externas. Em um contexto de pluralismo religioso, a identidade coletiva frequentemente é reforçada como uma barreira contra ideias ou práticas que possam desafiar os valores da comunidade. Isso cria uma dinâmica de "nós contra eles", onde a lealdade ao grupo se torna ainda mais pronunciada. Por outro lado, essa dinâmica pode limitar a capacidade dos membros de questionar normas ou explorar outras perspectivas religiosas e culturais.

Os aspectos emocionais dessa subordinação são igualmente relevantes. A entrega à liderança religiosa frequentemente é mediada por um forte vínculo emocional com o grupo e seus líderes, o que ajuda os fiéis a lidarem com as incertezas da vida. Contudo, essa relação também pode levar à alienação pessoal quando os desejos e necessidades individuais são suprimidos em prol da conformidade com as expectativas do grupo.

6 CONCLUSÃO

A subordinação à liderança religiosa nas igrejas neopentecostais e pentecostais é um fenômeno de grande complexidade, que impacta tanto a identidade individual dos fiéis quanto as estruturas sociais em que estão inseridos. Como discutido ao longo deste estudo, essa relação é atravessada por múltiplos fatores psicológicos, sociológicos e culturais, sendo impulsionada pela busca por segurança

emocional, pertencimento e orientação moral, mas também podendo resultar em dependência excessiva, limitação da autonomia individual e reforço de estruturas hierárquicas de poder.

A partir das análises realizadas, verificou-se que a subordinação religiosa pode operar como um mecanismo de coesão social, oferecendo suporte emocional e comunitário aos seus adeptos. Muitas pessoas encontram na religião um espaço de acolhimento, onde normas e valores compartilham significados coletivos que conferem sentido às suas vidas. A influência dos líderes religiosos, nesse contexto, pode ser percebida como um fator estabilizador em meio às incertezas da vida moderna, proporcionando diretrizes claras sobre questões existenciais, morais e práticas. No entanto, essa mesma influência também pode restringir a liberdade de pensamento e a autoexpressão, levando à conformidade e à aceitação de normas sem o devido questionamento.

A abordagem interdisciplinar utilizada neste estudo permitiu compreender como diferentes correntes teóricas interpretam esse fenômeno. Freud (1974) sugere que a religião pode atuar como um mecanismo de defesa contra as ansiedades existenciais, ao passo que Bourdieu (2007) argumenta que ela reforça estruturas sociais preexistentes, perpetuando desigualdades e relações de dominação. Já Bandura (1997) alerta para os impactos da subordinação religiosa na autoeficácia dos indivíduos, demonstrando como a dependência das orientações dos líderes pode minar a capacidade de tomada de decisões autônomas. Vygotsky (2007), por sua vez, destaca o papel da mediação cultural na internalização de valores religiosos, mostrando como a interação social dentro das comunidades de fé influencia a construção da identidade pessoal e coletiva.

Além dos aspectos psicológicos e sociais, a dimensão cultural da subordinação religiosa também se mostra central para compreender esse fenômeno. O contexto religioso não apenas reflete crenças individuais, mas também estabelece um conjunto de normas e práticas que orientam a vida em comunidade. A linguagem, os rituais e as interações interpessoais desempenham um papel fundamental na manutenção da autoridade dos líderes religiosos, ao mesmo tempo em que reforçam a identidade do grupo. Contudo, o pluralismo religioso contemporâneo e as transformações sociais desafiam essas estruturas tradicionais, promovendo novas formas de engajamento religioso e incentivando uma maior mobilidade entre diferentes denominações.

Dessa forma, a subordinação religiosa não deve ser entendida de maneira simplista como um fenômeno exclusivamente positivo ou negativo. Trata-se de uma relação complexa e multifacetada, que pode tanto fortalecer laços comunitários e oferecer suporte emocional quanto limitar a autonomia individual e restringir o pensamento crítico. O desafio, portanto, consiste em encontrar um equilíbrio entre esses dois aspectos, permitindo que a religião continue a desempenhar seu papel social e espiritual, sem que isso implique na supressão da liberdade de escolha dos indivíduos.

Nesse sentido, é essencial fomentar um debate contínuo sobre o papel da religião na sociedade contemporânea, incentivando reflexões críticas sobre suas influências na formação da identidade e na organização social. Ao mesmo tempo, é fundamental que políticas públicas e iniciativas educacionais promovam o respeito à diversidade religiosa e incentivem a autonomia dos indivíduos, garantindo que a fé e a liberdade possam coexistir de maneira harmoniosa.

Por fim, este estudo abre caminho para futuras investigações sobre a subordinação religiosa em diferentes contextos, explorando como distintas tradições religiosas lidam com as tensões entre autoridade e autonomia. Compreender essas dinâmicas é essencial para construir sociedades mais inclusivas, onde a religião possa ser um espaço de acolhimento e crescimento pessoal, sem comprometer a liberdade de seus membros.

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, M. M. O desenvolvimento religioso: uma hipótese psicológica. *Estudos de Psicologia* (Campinas), [S.L.], v. 17, n. 1, p. 15-30, abr. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2000000100002> . Acesso em: 05 nov. 2024.
- BANDURA, A. *Self-Efficacy: The exercise of control*. New York: Worth Publishers, 1997.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. (Coleção Estudos). Introdução, organização e seleção: Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- DRESCH, P. C. Religião e controle social: a dimensão da submissão e da alienação religiosa como projeto político-ideológico da classe dominante. *Unitas - Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, [S.L.], v. 10, n. 2, 20 fev. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.35521/unitas.v10i2.2626> . Acesso em: 03 dez. 2024.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão e sexualidade feminina*. (Pequena coleção de obras de Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- OLIVEIRA, T. A.; MOREIRA, J. O. A liderança fundamentalista: uma abordagem a partir de Freud. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, [S.L.], v. 23, n. 1, p. 370-389, 4 maio 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2023.75318> . Acesso em: 03 dez. 2024.
- GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.
- MARQUES, M. S. Identidade pessoal e religiosa. *Numen*, [S.L.], v. 25, n. 2, p. 111-111, 2 jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2236-6296.2022.v25.36904>. Acesso em: 07 jan. 2025.
- MORAIS, E. E. O discurso religioso e a política conservadora. *Anais dos Simpósios da ABHR*, [S. l.], v. 13, 2012. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/645>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- PINHEIRO, L. F.; TONINI, E. A religião no processo de dominação social: estudo sobre as relações sócio-culturais entre trabalhadores temporários e pequenos produtores. *Ciência Rural*, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 345-351, dez. 1992. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-84781992000300017>. Acesso em: 17 dez. 2024.
- PETERLEVITZ, L. R. Submissão à liderança pastoral: Exposição de Hebreus 13.17. 2019. Disponível em: <https://www.lucianopeterlevitz.com.br/396/> . Acesso em: 03 dez. 2024.
- TAYLOR, C. *As fontes do self: A construção da identidade moderna*. Tradução de Adail U. Sobral e Dinah de Azevedo de Abreu. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.